

Associação Médica rompe com vínculos políticos

ANA DUBEUX

O anestesista Neri João Bottin pretende fazer uma verdadeira revolução na Associação Médica de Brasília. Ele tomou posse ontem como presidente da entidade e sua principal meta será despartidarizar a AMBr que, durante quase 20 anos, foi controlada por correntes político-partidárias. "Não ficaremos submetidos às ordens deste ou daquele partido", garante. Na opinião de Bottin, está na hora de os médicos deixarem de ser tratados como operários da saúde. E para isto, planeja fortalecer a entidade saltando de 2.221 para 61 mil médicos assossia-dos. Outro projeto será adotar uma nova postura no campo científico. Neri reconhece que a categoria virou anteparo dos problemas sociais, por falta de uma política governamental correta na área de saúde. Nessa entrevista ao **Jornal de Brasília**, Neri comenta ainda sobre fraudes, erros médicos, relação com o sindicalistas e aproveita para defender com veemência seus colegas de trabalho: É uma grande injustiça dizer que o melhor médico de Brasília é o doutor boeing".

O que muda na associação com a sua posse?

— Vamos despartidarizar a associação. Boa parte da nossa estrutura anterior era intimamente ligada a partidos, sobretudo ao PT. A entidade não deve pertencer a um grupo ou partido, ela é de todos os médicos. Nosso partido é a Medicina. A associação precisa assumir seu novo papel. Restrita a alguns segmentos, a AMBr não estava correspondendo às expectativas. O perfil dos médicos em Brasília está mudando e os anseios são outros.

O senhor é ligado a que grupo político?

— Não sou ligado a nenhum grupo político. Votei na Maninha (Maria José — PT) para distrital e Agnelo Queiroz (PC do B) para federal, mas isto é outra história. Minha postura será apartidária. Se um deputado do PFL apresentar alguma proposta que nos interesse, estaremos juntos. Se for do PT, PPS ou qualquer outra legenda, agiremos igual. Representaremos todos os médicos acima de partidos, nunca submetidos a qualquer deles. Não divido o mundo em esquerda e direita.

O envolvimento dos antigos diretores com partidos políticos prejudicou a associação?

— De certo modo sim. E isto gerou um clima de grande insatisfação. Os médicos pretendem ver a associação com outra forma de atuação. Querem uma entidade do nível de uma Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Nossa idéia é trabalhar de forma mais efetiva no plano social, cultural e científico. Vamos ampliar o quadro de associados que, hoje, é representado por apenas 50% da categoria.

Nosso projeto é promover uma série de palestras, visando a reciclagem dos colegas nas diversas especialidades. Queremos saltar dos 2 mil 221 associados para os 6 mil médicos em atividade no DF.

A categoria enfraqueceu com o partidarismo?

— Não diria que prejudicou, mas não provocou avanços.

A relação da associação com o sindicato não ficou desgastada diante dessa nova tendência?

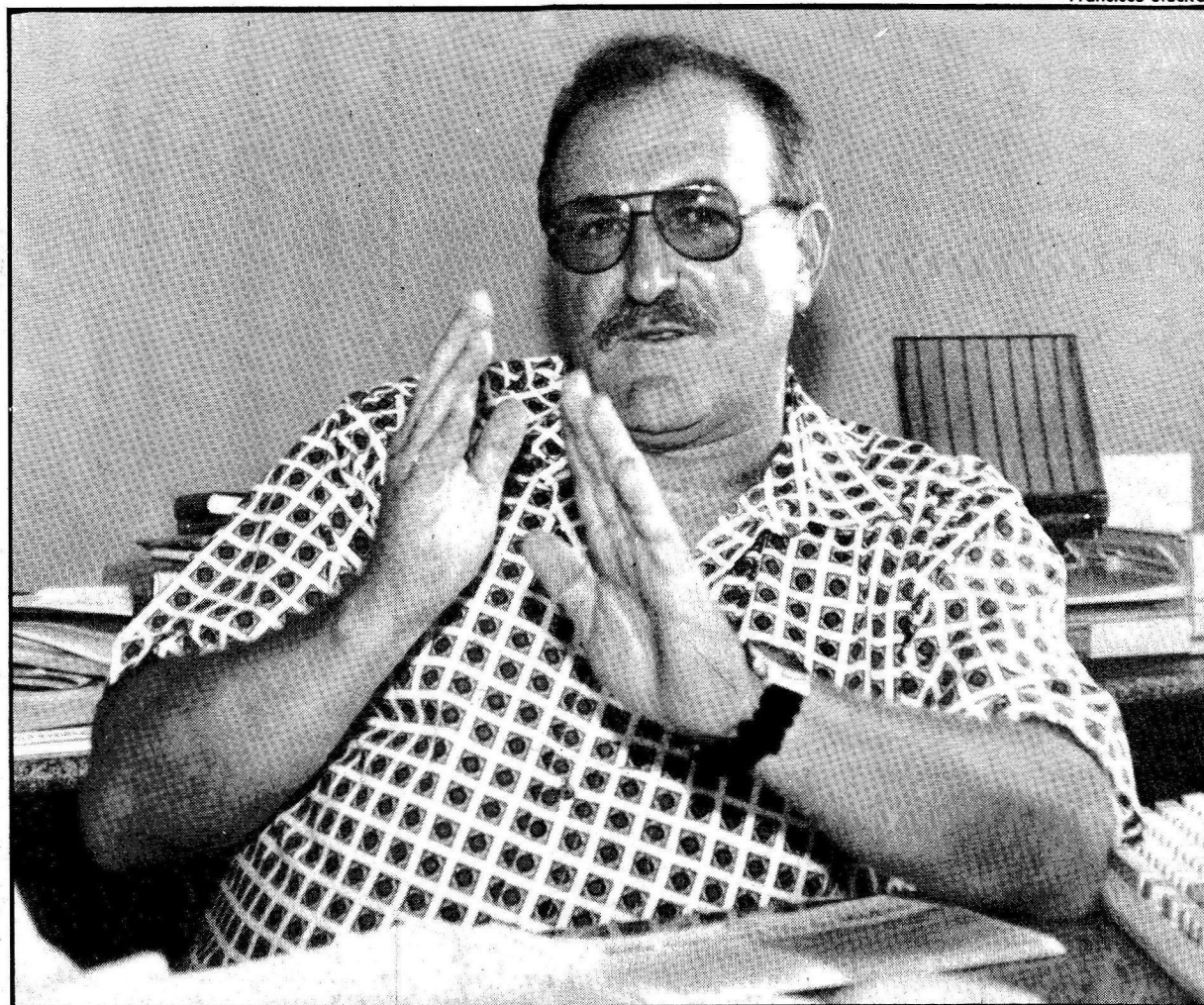
— Não. As duas entidades se completam. Fui fundador do sindicato. Não há incompatibilidades. Os diretores de lá são muito competentes.

Essas denúncias de erros médicos e negligência profissional são produtos de um país em que a saúde não é prioridade?

— A quantidade de erros em qualquer atividade é diretamente proporcional aos níveis de formação, de atualização, de equipamentos e condições de trabalho. Na me-

“Não sou ligado a nenhum grupo político. Votei em Maninha e Agnelo Queiroz, mas isto é outra história”

didada em que o ensino piorou, não há possibilidade de reciclagem. Evidentemente que isto poderá aumentar o número de erros. Agora, nem sempre este erro é do médico. Sendo que os médicos ficam mais vulneráveis. Fica mais fácil bater



Meta de Neri João Bottin é aumentar número de associados à AMBr dos atuais 2,2 mil para 6 mil

no médico do que culpar o hospital ou o equipamento.

Na sua área (anestesia) isto é mais comum?

— Em termos de saúde pública, na área de anestesia nós temos praticamente tudo aqui em Brasília. Faltam coisas, mas em nível de sofisticação. Tanto é que há poucos erros nesta área aqui.

O melhor médico de Brasília é o doutor Boeing?

— Essa história do doutor Boeing (do melhor médico ser a ponte aérea) é uma injustiça brutal com os médicos de Brasília. A cidade tem médicos de altíssimo nível. O episódio da morte do ex-presidente Tancredo Neves foi uma injustiça que fizeram ao doutor Pinheiro (chefe da equipe que atendeu Tancredo). O Tancredo sofria de uma patologia há algum tempo. Doutor Pinheiro entrou de gaiato na história. O problema é que o marketing de São Paulo é brutal e aí apareceu o figurão do doutor Pinotti; fez aquela onda toda. Se tirar o Incor do Hospital das Clínicas, ele fica dez vezes pior que nossos hospitais.

Os médicos hoje não estão muito afastados do social?

— O médico virou marisco na briga do mar com rochedo. É o anteparo dos problemas sociais. Se

bate no médico porque ele está na front. O que o médico faz em termos de assistência social, dentro das suas limitações, é muito relevante. Ninguém reclama de consertar o carro e pagar R\$ 1,5 mil, mas na hora da cesária fica reclamando. É questão de valores. O médico privado não é mercantilista, ele é um profissional que tem de ser remunerado. Sou o anestesista mais antigo da Fundação Hospitalar, tenho 27 anos de profissão e recebo no contracheque a fabulosa quantia de R\$ 2,4 mil. Sou último nível e trabalho 40 horas. Já o procurador da fundação, que não é atividade fim, ganha R\$ 9 mil.

Sua vitória pode ser encarada como uma reação da categoria à administração petista de Cristovam Buarque?

— Não acredito nisto. Até porque uma coisa não deveria ter nada a ver com a outra. Mas, isoladamente, isto pode ter ocorrido. Não fizemos campanha em cima dessa previsão. Porém, alguns podem ter votado na gente pensando nisso.

Foi difícil derrotar quase 20 anos de “feudo”?

— Com certeza foi difícil, sobretudo, porque toda uma estrutura estava armada há anos. O importante agora é deixarmos claro que não somos operários da saúde. Sem

qualquer pretensão, somos os balaustes da saúde. Vamos fazer política, mas não partidária.

As fraudes no setor de saúde e previdência são constantes. Como acabar com isto?

— A grande fraude neste País é

“Se tirar o Incor do Hospital das Clínicas, ele fica dez vezes pior que os nossos hospitais”

achar que com US\$ 40 per capita se vai fazer saúde de uma forma digna. Em alguns países da América Latina, se gasta o triplo disso e nos Estados Unidos US\$ 2 mil per capita. Fraude é não liberar verba para uma área essencial.

A saúde está agonizando numa UTI?

— Está e talvez esteja mal assistida. A verba para saúde não é só para medicina curativa. Ela passa por saneamento básico, por prevenção, por educação sanitária. A saú-

de nesse País melhoraria consideravelmente se o povo tivesse acesso à educação.

O senhor é favorável ao CMF?

— Em princípio, sou contra qualquer imposto. Mas como medida emergencial, o ministro da Saúde, Adib Jatene, tem toda razão em tentar buscar esses recursos para viabilizar a saúde.

Em Brasília também é esta a realidade?

— O problema da saúde no Distrito Federal é crônico. Seria ingênuo achar que os novos gestores da saúde em Brasília conseguiriam reverter este quadro em nove meses. Conhecemos a maioria dos diretores de hospitais e eles têm se empenhado mesmo para melhorar a situação. A gente espera que o GDF consiga sanar algumas mazelas que havia na administração da Fundação Hospitalar. Acho que, a médio ou longo prazo, as coisas vão melhorar. Apesar de viver em situação difícil, em Brasília, a saúde ainda é melhor que em outros estados.

O senhor é favorável à privatização no setor de saúde?

— Não. Por exemplo, o programa criado pelo prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, não é bom. Este tipo de assistência cairia na mão dos grandes grupos. Haveria, então, maior interesse no lucro. Não sou estatizante, mas acho que saúde, educação e segurança são deveres do Estado.

Qual a principal reivindicação dos médicos do DF?

— Uma das preocupações dos médicos é aumentar a tabela de honorários. Faremos um trabalho ao lado do sindicato. Temos de evitar a exploração dos médicos pelas intermediadoras de serviço.

Quem são as intermediadoras?

— A medicina de grupo, as seguradoras, a Golden Cross e outras. Elas vendem um plano de saúde e fazem o credenciamento do médico e tentam pagar o mais caro possível. Eles pagam tabelas inferiores ao da associação. Não há regulamentação de plano de saúde. Os pacientes também podem ajudar reclamando de seus direitos. O cliente deveria ter direito de escolher seus médicos. Esse credenciamento não universal está levando ao cerceamento da atividade médica e a reserva de mercado. Isto vai levar à má medicina futuramente. Isto é o resultado das falhas do serviço público. As seguradoras proliferam porque o Estado não dá boas assistências.